

A PERCEÇÃO DE 'PERIFERIA' NA PRODUÇÃO AUDIOVISUAL DE GRUPOS COMUNITÁRIOS EM FORTALEZA

THE PERCEPTION 'PERIPHERY' IN AUDIOVISUAL PRODUCTION
COMMUNITY GROUPS IN FORTALEZA

*LA PERCEPCIÓN DE 'PERIFERIA' EN GRUPOS COMUNITARIOS DE
PRODUCCIÓN AUDIOVISUAL EN FORTALEZA*

Samaisa dos Anjos Xavier Henrique

■ Jornalista. Mestranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará.

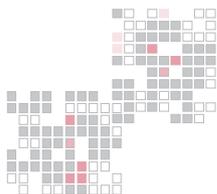
■ E-mail: samaisa.anjos@gmail.com.

Edgard Patrício

■ Jornalista. Doutor em Educação pela Universidade Federal do Ceará. Professor do Curso de Jornalismo e do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará.

■ E-mail: edgard@ufc.br.

226



RESUMO

O trabalho busca compreender como a periferia está inserida nas narrativas que os jovens constroem em suas produções audiovisuais nos projetos de comunicação desenvolvidos nos Centros Urbanos de Cultura, Arte, Ciência e Esporte (Cuca), espaços mantidos pela Prefeitura de Fortaleza (Ceará-Brasil). Em nosso percurso, embasado em pesquisa-participante, discutimos políticas públicas, a cidade, as negociações e a produção de sentidos. Dialogamos com Reguillo (2000), Pais (1990), Motta (2013), Zanetti (2011), Hiernaux e Lindón (2004). Os resultados apontam a construção de relatos plurais da periferia, considerando a singularidade desses espaços.

PALAVRAS-CHAVE: JUVENTUDES; PERIFERIAS; NARRATIVAS; REDE CUCA.

ABSTRACT

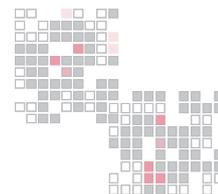
This work seeks to understand how the outskirts are inserted in the narratives that youth build in their audiovisual productions, in communication projects developed in the Urban Culture, Art, Science and Sports Centers (Cuca), which are spaces maintained by the Fortaleza City Hall (Ceará-Brazil). On our route, based on participant research, we discuss public policies, the city, the negotiations and the production of meanings. Our paper dialogued with Reguillo (2000), Pais (1990), Motta (2013), Zanetti (2011), Hiernaux and Lindón (2004). The results show the construction of plural reports of the outskirts, considering the uniqueness of those spaces.

KEYWORDS: YOUTH; OUTSKIRTS; NARRATIVES; CUCA NETWORK.

RESUMEN

El trabajo busca entender cómo se inserta la periferia en las narrativas que los jóvenes construyen en sus producciones audiovisuales, en proyectos de comunicación desarrollados en los Centros de Cultura Urbana, Arte, Ciencia y Deportes (Cuca), espacios mantenidos por la Municipalidad de Fortaleza (Ceará - Brasil). En nuestro caminar, teniendo por base la investigación participante, se discuten las políticas públicas, la ciudad, las negociaciones y la producción de significados. Dialogamos con Reguillo (2000), Pais (1990), Motta (2013), Zanetti (2011), Hiernaux y Lindon (2004). Los resultados muestran la construcción de informes plurales de la periferia, teniendo en cuenta la singularidad de estos espacios.

PALABRAS CLAVE: JÓVENES; PERIFERIAS; NARRATIVAS; RED CUCA.



1. Introdução

A atuação como repórter do jornal O Povo, de Fortaleza, por aproximadamente quatro anos e meio, possibilitou um conhecimento da cidade ímpar, uma vez que era incumbida de pautas que atravessavam temáticas como: educação, segurança pública, saúde, mobilidade urbana, comportamento, ciência, obras públicas, questões urbanas variadas. Foi por meio das centenas de textos produzidos, por meio das centenas de histórias contadas que pude adentrar em uma Fortaleza desconhecida. A ida diária a diferentes bairros, ruas, o contato com pessoas com histórias particulares que tomavam a cidade como pano de fundo e, muitas vezes, como principal interlocutora.

E, sendo repórter ‘de cidade’, o olhar estava sempre buscando narrativas possíveis, histórias que poderiam, deveriam ser contadas. Algumas, eu consegui transformar em narrativa oficial de um jornal impresso da mídia local. A maior parte ficou atravessada na vivência de cidade. E foi delas que alimentei o projeto inicial de buscar entender ‘as narrativas sobre a cidade e si próprios da juventude participante das oficinas de comunicação da Rede Cuca’, rede de três equipamentos públicos voltados para as juventudes e localizados em três bairros de Fortaleza (Barra do Ceará, Jangurussu e Mondubim).

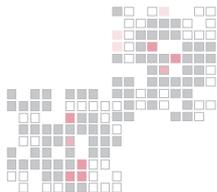
Ao apontar a pesquisa para a Rede Cuca, no entanto, uma ideia pronta e mergulhada no desconhecimento do campo e das realidades para além das que tive contato me marcou e acompanhou: os equipamentos voltados para as juventudes, localizadas em três bairros de regiões periféricas da cidade acolheriam jovens habitantes de áreas em situação de vulnerabilidade de Fortaleza e, por isso, jovens dentro do perfil de ausência de acesso a direitos – aqueles dos quais tantas matérias li e tantas informações ouvi. A entrada no campo, a abertura à escuta e às descobertas, o contato com pessoas, realidades, vontades tão diferentes,

assim como o diálogo com autores, textos, provocações levaram ao uso do plural nos diversos conceitos e ideias aqui trabalhados.

Especificamente para esse artigo, definimos os projetos desenvolvidos no Cuca Barra como *corpus* de análise. Como produções audiovisuais, o documentário “Cartas para Santiago” resultante do projeto Memórias, realizado no primeiro semestre de 2015. O recorte por este equipamento está relacionado à proximidade com sua dinâmica e o maior tempo de observação e convívio com suas atividades, bem como os encontros e afetos construídos ao longo dos meses de presença no campo. Para chegar a resultados, parciais, nos valem de entrevistas, descrições e diário de campo; ação, observação e participação nos processos; assim como análise do discurso, seja com análise de sentidos, seja em um diálogo com as práticas discursivas e linhas narrativas.

2. O Projeto Memórias

O Cuca Che Guevara, usualmente conhecido como Cuca Barra, entregue na gestão da prefeita Luizianne Lins (PT) em 2009, possui área de 14 mil metros quadrados, com ginásio, anfiteatro e pista de esportes radicais (localizados em praça pública e fora das grades e ‘proteção’ do Cuca), piscina semiolímpica, campo de futebol de areia, cineteatro, cineclube, salas de aula, laboratórios, área de convivência. Os Cucas Mondubim e o Jangurussu seguem a disponibilidade de salas e equipamentos. A partir de maio de 2016, os programas da Rede passaram a se organizar em três eixos principais: Educação, Esporte e Saúde; Comunicação; e Promoção dos Direitos Humanos, cada um com projetos e ações específicas, mas com potenciais diálogos para a realização de atividades conjuntas. Entre os projetos, programas, ações e atividades realizadas na Rede Cuca, pousamos o olhar no Projeto Memórias, que possui abordagem que inclui pesquisas acerca das identidades de comunidades e áreas do entorno



dos equipamentos e a produção artística, cultural, comunicacional relacionadas às memórias das pessoas e desses espaços.

O processo de trabalho do projeto Memórias que exercitamos a análise aqui durou, aproximadamente, quatro meses, reunindo jovens, educadores, coordenadores e moradores. Os resultados foram a exposição fotográfica ‘Santiago: memórias, afetos e resistências’ e o filme ‘Cartas para Santiago’. Os cursos propostos pelo Projeto Memórias incluíam fotografia e operação de câmera, história de vida em audiovisual, roteiro, montagem e edição de vídeo e cartografias afetivas. Como os demais cursos da Rede Cuca, o projeto era aberto, divulgado no Cuca e com sensibilização no Morro por meio das conversas e aproximações que já vinham acontecendo com a ação dos educadores sociais. Entendemos que tal proposta, apesar de uma delimitação fixa dos objetivos a serem alcançados, permitiria a reflexão e produção de sentido sobre um território específico do bairro e da região, que apresentava em vários aspectos o entendimento de periferia como “marcada muito mais pela precariedade e pela falta de assistência e de recursos do que pela localização” (Rolnik, 2010).

Ao buscarmos nas reflexões de Gorczewski (2005) sobre as micropolíticas juvenis de visibilidade comunicacional e midiática, entendemos que para além das relações de encantamento com as tecnologias de imagem, “configuram-se práticas e usos que podem gerar processos produtivos e inventivos de subjetivação. Ao produzirem imagens e sonoridades, os jovens produzem a si mesmos” (2005, p.28).

Entendendo, como apontam Pellanda e Gustsack (2015), quando versam sobre autonarrativas e invenção de si, que “falar na primeira pessoa é autoformação e ninguém, absolutamente ninguém, pode se construir pela pele, mente e alma do outro” (2015, p.50), buscamos as maneiras como, ao escolherem falar em primeira pessoa,

construindo cartas para o Morro antes desconhecido, os jovens mergulharam num processo também de autoformação. E, em diálogo com Bonin e Saggin (2016), apontamos a necessidade de pensar os públicos, os sujeitos, os territórios na “multiplicidade de dimensões constitutivas de sua realidade”, entendendo as reproduções, mas principalmente as invenções e transgressões no campo da comunicação (2016, p.4).

3. Compreendendo as juventudes e as narrativas ‘periféricas’

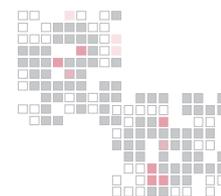
3.1. Juventude(S)

A Organização das Nações Unidas (ONU), em Assembleia Geral em 1985, definiu os jovens como aqueles entre os 15 e os 24 anos para o Ano Internacional da Juventude. Já para o Estatuto da Juventude do Brasil¹, por exemplo, essa faixa estaria compreendida entre os 15 e 29 anos. E é seguindo esse último parâmetro que a Rede Cuca, assim como tantos outros equipamentos guiados pelas políticas públicas para as juventudes, direciona suas ofertas de atividades.

Neste cenário de recorte etário apontado pelo Estatuto da Juventude, das 8.452.381 pessoas residentes no Ceará, de acordo com o Censo 2010 do IBGE, 2.412.570 (28,54%) estavam nesta faixa dos 15-29 anos. Os intervalos etários de 15-19 anos (35,1%) e 20-24 anos (34,11%) são os de maior expressividade numérica no Ceará. No Brasil, ainda de acordo com o Censo 2010, com a população de 190.732.694 pessoas, a faixa etária de 15-29 anos era de 51,34 milhões de pessoas (26,91%).

Dialogando com Pais (1990), buscamos enten-

¹ A Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013, instituiu o Estatuto da Juventude e dispôs sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude, assim como do Sistema Nacional de Juventude (Sinajuve). Com três capítulos e 48 artigos, o Estatuto foi resultado de um longo processo que envolveu de forma essencial a sociedade civil, foi aprovada pelo Congresso Nacional em julho de 2013 e sancionada pela presidenta Dilma Rousseff.



der a juventude como uma categoria socialmente construída e em contínua recomposição, sujeita a modificar-se ao longo do tempo, uma vez que é “formulada no contexto de particulares circunstâncias econômicas, sociais ou políticas” (p.146). Concordamos com Bourdieu (1990) ao dizer que “a juventude não é mais do que uma palavra”, Reguillo (2003) aponta que a juventude é uma categoria construída culturalmente e que os critérios que fixam tais limites são mutáveis, uma vez que estão vinculados aos contextos socio-históricos. Ela ressalta, no entanto, que mesmo como categoria construída, é necessário lembrar que “as categorias são produtivas, fazem coisas, são simultaneamente produtos do acordo social e produtoras do mundo” (p.106, Tradução nossa).

Entendendo a complexidade e a contínua discussão sobre a categoria e os significados dos diversos usos possíveis, partimos para a compreensão plural das juventudes, entendendo-as como “fenômeno multidimensional, caracterizado por fatores relativos à geração, à educação, ao trabalho, à cultura, à comunicação, à participação e à exclusão do consumo, entre outros” (Martins, 2010, p.25).

Achamos importante pontuar que, ao longo dos trabalhos pesquisados cuja temática atravessava as periferias e as juventudes, as manifestações culturais e a violência foram assuntos constantes e importantes de análise e diálogo (Braga, 2013; Diógenes, 2008; Lima, 2011; Martins, 2010; Reguillo, 2000; Zanetti, 2011). Ao comentar uma possível estética da periferia, Hollanda (2012) recupera o caminho da cultura ao se transformar em uma “potente indústria criativa” (p.86) e, assim, adentrar na economia de forma mais contundente. Nesse movimentar, apontado pela autora, as produções culturais das periferias começam a se afirmar e se deslocar progressivamente para o Centro, “ganhando visibilidade através da imprensa e da indústria cultural” (p.86) com ênfase nos anos 90.

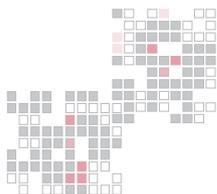
3.2. Narrativas sobre a cidade

Ao pensarmos nas formas como organizamos os acontecimentos das nossas vidas, entendemos, como Motta (2013) explicita, que construímos o mundo ao observá-lo, percebê-lo (aqui como ato de interpretar) e descrevê-lo. E que, “nossa maneira de descrever e de contar o mundo físico e humano revela sempre percepções particulares destes mundos, formas particulares de perceber e de contá-los” (Motta, 2013, p.84). E, em diálogo com Sibilia (2008), apontamos que, “cada vez mais, nossas narrativas vitais ganham contornos audiovisuais” (p.49), uma vez que as narrativas existenciais não mais seguem modelos de outrora.

Ao tratar de produtos audiovisuais produzidos e focados nas narrativas das periferias brasileiras, Zanetti (2011, p.14) explicita que o “cinema de periferia revela uma tomada de posição de sujeitos (coletivos e individuais) ao assumirem, por meio da linguagem audiovisual, um lugar de falas que lhes pertence”. A autora se refere tanto ao lugar geográfico, ao território como ao lugar simbólico, “o “eu” enunciador”. E, nas contextualizações ao seu trabalho, Zanetti não deixa em lugar sombrio as intervenções institucionais de ONGs, educadores, empresas apoiadoras, mas aponta para o fato de tais “agentes também constituírem o campo do cinema de periferia” e, por isso, precisarem ter seus papéis problematizados nesse processo.

(...) a questão crucial em torno dos estereótipos e das distorções diz respeito ao fato de que grupos historicamente marginalizados normalmente não têm controle sobre sua própria representação. Se esse outro “periférico” não pode se auto-representar – e falar em nome de si mesmo – restam somente as representações construídas em torno deles pelos “outros”, e difundidas pelos meios de comunicação de um modo geral (Zanetti, 2008, p.8).

Assim sendo, lembramos como as imagens com que se convive ao longo do processo de consumo informacional e midiático integram o ima-



ginário, negociando processos de sentidos, atravessando modos de ver, comunicar, agir, “enfim, os modos de existir e conviver na contemporaneidade” (Gorczevski; Soares, 2014, p.17).

E, ao falarmos das produções que tomam espaço na periferia – e em equipamentos que estão “localizados em territórios estratégicos” e “atendem jovens residentes em áreas de alta vulnerabilidade social”, como são definidos os Cucas no site da Prefeitura de Fortaleza², temos que ressaltar – assim como feito sobre as juventudes – a diversidade dos usos e ações de quem se apropria do termo periferia, seja como espaço de habitar, atravessar, pesquisar, interagir.

3.2. Onde estão as periferias?

Zanetti (2010) explicita relações do cinema de periferia ao analisar filmes e festivais de cinema, discutindo narrativas, visibilidade e reconhecimento social. A pesquisa analisa através do audiovisual o reconhecimento social da periferia por meio da forma como os representantes a visibilizam. Utilizando a ideia de “lugar-conceito”, a pesquisadora aponta para a não-delimitação dos territórios das periferias e do centro, uma vez que o que interessaria naquele contexto de pesquisa seria “a posição simbólica no campo social que a ideia de periferia institui”, compreendendo, no entanto, que a matéria prima de tal campo simbólico são “os fatos do cotidiano vivenciados no contexto real” (2010, pág. 12). Como apontam Hiernaux e Lindón (2004), não queremos tomar a decisão de adotar o termo “periferia” achando que é algo “evidente, monolítico e que se refere a um objeto simples e unidimensional” (p.102).

Ao abordarem a temática da periferia nos estudos urbanos, os pesquisadores Hiernaux e Lindón (2004) realizam um panorama sobre a relação entre a palavra periferia e o fenômeno na América Latina, analisando as mudanças com o

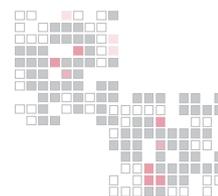
tempo e os novos componentes que fazem parte dos estudos urbanos. Assim, os autores questionam “será a periferia um espaço sem qualidade, plano, sem rugosidades? Ou por acaso não será que o conceito de periferia que temos construído omite as rugosidades que necessariamente leva consigo?” (pág. 112).

Na América Latina, o termo arrabalde (arrabal em espanhol) teria forte herança europeia com uso até os séculos XIX, XX. Já o termo subúrbio viria de influência americana com uso no século XX e, a partir dos anos 70, o termo periferia, que teria uma marca latino-americana mais forte, apontam Hiernaux e Lindón (2004), passaria a ser usado com mais amplitude. Com o entendimento de que o arrabalde seria o que estava fora e o subúrbio o que estava próximo, os estudos urbanos reduziram o conceito para a visão geométrica de periferia, enquanto circunferência, contorno de um círculo. Para além do aspecto geométrico, o arrabalde remeteria aos bairros periféricos, externos à cidade, com funcionamento fora da normalidade.

Mesmo com o desuso da palavra, a substituída já trazia intacto o sentido da precedente, por mais que a mudança decorresse de um processo de relativa aproximação, uma vez que o subúrbio estaria próximo, não mais fora da cidade, sustentando assim o direito à cidade. Continuando na trilha dos estudos urbanos, os pesquisadores apontam para a década de 60 e a nova leitura do espaço mundial construída pela teoria social latino-americana com a dualidade entre o centro-periferia, que passou dos países para as cidades ficando assim o subúrbio sendo chamado por periferia nos países latino-americanos.

La dicotomía centro/periferia remite a un mundo ordenado diferencialmente por el capitalismo, donde el centro y la periferia son las dos componentes de un orden social sustentado en una evidente desigualdad, tanto económica como social, política y ter-

² Disponível em <<http://www.fortaleza.ce.gov.br/juventude/rede-cuca>>. Acesso em: 22 mar. 2015.



ritorial (Hiernaux, Lindón, 2004, p.111).

Assim, aponta-se para o encontro de duas heranças para o uso do termo, da palavra, da voz periferia: o viés geométrico e a teoria social latino-americana dos anos 70, com o forte componente dicotômico com viés econômico: centro e periferia, dominantes e dominados, pobres e ricos. A periferia seria o local de morada daqueles que não cabiam no centro.

Assim, se desde o uso do termo arrabalde, já existia um entendimento de falta de qualidade, com os processos sociais, econômicos e políticos das novas contextualizações, a periferia passa a ser vista como espaço de miséria, de distância, de precariedade, fazendo assim parte do vocabulário rotineiro, da imprensa, dos discursos políticos, dos trabalhos acadêmicos e até da autodefinição dos habitantes (Hiernaux e Lindón, 2004). “Finalmente, operou a reflexividade no sentido etnometodológico: ao dizer ou nomear a periferia de certa maneira, terminou-se constituindo-a dessa forma” (2004, p.113).

4. 4. Abrindo e lendo ‘Cartas para Santiago’

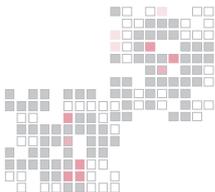
Neste exercício de análise, apontamos para quatro linhas narrativas principais, que se atravessam e caminham na busca pela construção de uma ‘outra história’ do Morro no filme ‘Cartas para Santiago’ e podem nos auxiliar no entendimento da narrativa e da periferia que são compartilhados pelos jovens e colaboradores do projeto: 1) o processo de ocupação do Morro, 2) as dificuldades da vida no local, 3) as qualidades de viver no Morro e 4) o olhar dos jovens participantes sobre o território. O entrelaçamento de tais linhas narrativas desenhadas em um processo de quatro meses – com foco em uma formação audiovisual, sobre cartografias e memórias e a execução prática em um território da região – pode apontar para marcas dos discursos construídos entre o grupo, para as experiências ante-

riores de cada participante e colaborador, para os sentidos negociados em um percurso coletivo e pessoal. Buscamos a interpretação da opacidade do discurso como forma de avançar nas reflexões aqui propostas sobre as periferias e as produções dos jovens do Cuca Barra.

Uma das linhas aqui destacadas é a que percorre a história de ocupação do Morro, contada por duas moradoras idosas – passando pela validação da experiência e do relato oral – e por fotos antigas de momentos de construção das casas e mutirões com participação dos moradores, entrega de material de construção e de cestas básicas, eventos com crianças, presença de policiais, fotos de barracos. Em nenhum momento, há identificação do nome, tempo de moradia no Morro, idade, assim como as fotos exibidas, que não possuem indicação de data, local exato ou o que estava acontecendo no momento do registro.

Voz feminina 4: Quando eu cheguei neste Morro, não existia casa, era areia, morro bem alto e não existia casa, era uns barracos de plástico, de saco de plástico, de palha.
Voz feminina 5: O Morro Santiago ali tem uma luta, a gente lutou muito para urbanizarem aquele Morro ali, pra fazer em cima um Pólo de lazer e as casa tudo arruadiada, só que as pessoas nunca quiseram fazer, as autoridade nunca se comprometeram com isso. Se tivesse feito, era outra vida ali pro pessoal, tinha outra história ali.

A fala de uma das moradoras mais antigas ao indicar que se as autoridades tivessem realizado intervenções estruturais no Morro, como urbanização e espaço de lazer “era outra vida ali pro pessoal, tinha uma história ali”, aponta para o entendimento de que a ausência, a falta de ação do Poder Público enquanto garantidor de direitos (à moradia, ao lazer, ao saneamento básico) nas periferias, naquele território periférico, de ocupação de duna, atravessa a vivência, a possi-



bilidade de se construir histórias diferentes das que versam sobre vulnerabilidade social e todas as potenciais marcas. Dialogando assim, com a compreensão de que o conceito de periferia não estaria diretamente relacionado à localização, mas à falta de assistência, à precarização, ao acesso restrito aos direitos básicos.

Tal cenário e apontamentos construídos até aqui desenham o caminho para a segunda linha narrativa aqui destacada, a das dificuldades cotidianas, em que as falas dos moradores sobre o passado e o presente abordam os obstáculos enfrentados por quem habita o Morro.

Voz masculina 4: A gente já prepara os baldes, é, aí a minha tia bota ali e ela vem me acordar. Nós se acorda 4 hora, porque a água acaba é cedo, acaba 3 hora, 3 e meia. Tem hora que vai até 7 hora, aí pois é, nós se acorda 4.

Voz feminina 7: Pessoal acham bom quando chove porque não precisa descer com balde pra poder pegar água. Na mesma hora também, é ruim porque tem perigo das casas desabar.

Voz feminina 8: Eu só acho ruim quando tem os tiroteio, quando vem outras pessoa de fora tacar bala aqui, né?

(Decupagem de trechos do filme Cartas para Santiago).

Ao abordamos as problematizações organizadas por Lindón e Hiernaux (2004) sobre os termos relacionados à periferia e percebendo os discursos produzidos pelos moradores do Morro e seus interlocutores, os jovens participantes do projeto, encontramos que o apontamento de periferia, como acontece nas falas cotidianas, da imprensa, do poder público, dos trabalhos acadêmicos, como espaço de precariedade, de falta, de vulnerabilidade, de ausência de serviços ganha reverberação na rotina de muitos territórios e vivências das pessoas com as quais os percursos da

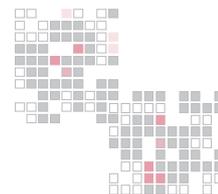
cidade se encontram.

*Voz feminina 7: Meu nome é Maria Victória, eu tenho 14 anos. **Eu sou moradora lá do Morro lá, do Morro Santiago. Eu não moro em cima do Morro, mas eu moro na rua do Morro.** Pessoal acham bom quando chove porque não precisa descer com balde pra poder pegar água (Decupagem trechos filme Cartas para Santiago).*

Ao apontar em sua fala que é moradora do Morro, mas não da parte ‘de cima do Morro’, a jovem participante situa uma diferença entre as relações de moradia, que também entendemos como diferenciação de pertencimento ao território do Morro – espaço mais pobre e com a simbologia de violência da área, assim como, de vulnerabilidade. Relacionamos tal leitura à indicação da Educadora, em entrevista realizada sobre o projeto Memórias, ao apontar que, dentro dos grupos de jovens participantes das atividades da Rede Cuca, existem aqueles que estão na ‘elite da pobreza’, a ‘elite da favela’.

Reitera-se, assim, a ideia de que a periferia é um “espaço da heterogeneidade, no qual coincidem diversos atores sociais com objetivos diversos, com estratégias variadas e, por isso mesmo, não é um território livre de conflito” (Hiernaux; Lindón, 2004, p.118, tradução nossa), aponta-se para a heterogeneidade social e cultural como espaços férteis para o conflito – com todos os obstáculos e potencialidades que tal contexto permite.

No filme, as falas, compartilhamentos de experiências e apresentações dialogam com o objetivo apontado desde o início de ‘contar outras histórias do Morro’. E, nesse percurso de construção da possibilidade de tais histórias, elencamos a terceira linha que aqui indicamos: a que ressalta a vida em comunidade, as potencialidades do local, as belezas naturais. A solidariedade entre vizinhos é apontada como forma de habitar, convi-



ver e sobreviver no local diante das dificuldades, assim como as belezas naturais como privilégios.

Voz feminina 4: É o seguinte, aqui se a gente quer alguma coisa com o vizinho, se um vizinho tem uma coisa não bota queixo pra arrumar pra gente. Se a gente tem e o vizinho chega, até um balde d'água que eu tiver aqui e o meu vizinho precisar, a gente dá.

Voz feminina 7: Lá, mesmo com as dificuldades, as pessoas são felizes porque tem família né, tem a vista lá que é boa, o pessoal já se conhece tudim, pode brincar, ficar na calçada assim de boa, conversando.

Voz feminina 10: A gente tem coisas maravilhosas sim, pra aproveitar, pra se olhar né. Tem pessoas que não tem uma vista dessa, uma maravilha de acordar de manhã e poder olhar pruma vista dessa daqui. Eu tenho esse privilégio e muitas das pessoas aqui de cima também tem.

(Decupagem trechos filme Cartas para Santiago)

A quarta linha de narrativa aqui delineada é o olhar dos jovens narradores sobre o Morro, as primeiras impressões, o que pensavam antes de subir ao local e as descobertas ao conhecer o território e seus moradores. Essa linha percorre todo o filme, sendo norteadora para as Cartas serem produzidas, escritas. A oposição entre as narrativas consumidas pelos jovens participantes do projeto Memórias antes de conhecer o Morro e a que foi sendo construída ao longo do percurso de incursão no cotidiano do local é demarcada nas falas.

Eu tenho 14 anos e moro praticamente na Rua do Morro. Antes de subir no Morro, eu pensava que lá só tinha coisa ruim, traficante, droga, que tudo lá simbolizava crime, que as crianças lá não estudava, só andava com arma e tudo mais. Mas depois que eu subi lá pela primeira vez eu vi que era totalmente diferente, que a paisagem

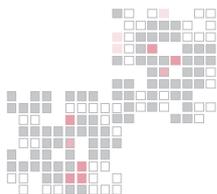
lá era a coisa mais bonita do mundo, que o pessoal lá é tipo uma família, que todo mundo se ajuda, se um tem dificuldade um pede a ajuda ao outro (Decupagem trecho filme Cartas para Santiago).

Enquanto o jovem fala sobre a sua visão antes de subir o Morro, imagens de um dia chuvoso, com a ponte do Rio Ceará ao fundo, crianças e adolescentes tomando banho de chuva, sorrindo, brincando, com panelas nas mãos para aparar a água que caía. As narrativas dos jovens, algumas em discurso em primeira pessoa e outras como uma análise mais geral do que foi sendo encontrado na experiência do projeto, aponta para um processo a ser discutido sobre a construção dos textos. Segundo a Educadora, foi durante o processo que houve a compreensão gradual do que era o Morro.

A gente entendia que tudo ali era Morro de Santiago. E aí, os alunos que são moradores do Morro baixo – na verdade, nem existe esse termo, a gente que criou – eles mesmos nunca tinham subido o Morro. Aí a gente achou legal colocar essas impressões no filme, eles dizendo “quando eu subi o Morro pela primeira vez”, porque isso foi uma conversa de aula (trecho entrevista realizada no dia 18 de abril de 2016).

5. Considerações finais

Entendemos que os atravessamentos esboçados das quatro linhas narrativas permitem a observação de elementos que se encontram para formar o mosaico na tentativa de construir uma ‘história outra’ para o Morro de Santiago. O recorte escolhido para narrar as relações, desenho este que não aborda uma lista possível e complexa de problemas, situações e ações relacionadas, toma um local de discurso de apropriação da história de resistência local como contraponto ao discurso único de vulnerabilidade e violência



(recorrente ao se abordar as regiões periféricas das cidades) que atravessa não só quem conhece o Morro somente pelas narrativas midiáticas várias, mas e, especialmente neste caso, quem está próximo, mais especificamente, na base do Morro e, mesmo assim, consome histórias que foram sendo construídas pelos episódios de violência e afastamento desse local.

A compreensão das diferentes experiências nos territórios aponta para a complexidade da construção de discursos atravessados pelos cotidianos, pelas narrativas consumidas e ressignificadas. As configurações heterogêneas, as formas de nomear e dar forma às vivências, ao morar, ao viver, ao ser identificado com determinada área constroem assim relações de poder e de diferenciação do ser periferia, distâncias simbólicas que abundam de significados uma distância física que pareceria ínfima (um quarteirão, uma rua, uma praça que divide).

Tais diferenciações estão presentes no campo de diversas formas e que se fazem perceber ao

longo dos contatos com interlocutores variados. Um exemplo são os conflitos de territórios que fazem com que um evento cultural não possa ser frequentado por pessoas da mesma área, o que faz com que os realizadores – também jovens moradores da região – realizem dois eventos com a mesma proposta em dias e espaços diferentes para contemplar as juventudes de um território entrecortado pelo conflito, situação acompanhada durante o percurso no campo.

Assim, muitos são os fluxos que atravessam os territórios, as juventudes e a forma como se constroem nesses espaços as relações cotidianas e simbólicas. Lembramos que, segundo as entrevistas realizadas com uma educadora e um jovem participante do projeto, as relações de moradia e conhecimento do território pelo grupo de jovens e pelos próprios facilitadores do Cuca foram sendo delineadas ao longo do processo, com a percepção de um ‘Morro baixo’ e um ‘Morro alto’ e as peculiaridades de tais territórios que compõem uma só linha geográfica, mas diversos encontros simbólicos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BONIN, Jiani; Saggini, Livia. Reflexões teóricas para pensar as relações entre mídias, identidades culturais, movimentos sociais e cidadania. *Revista do Programa de Pós-graduação em Comunicação Universidade Federal de Juiz de Fora*, v.10, n. 1, abril, 2016.

BOURDIEU, Pierre, *La juventud no es más que una palabra*. Sociología y cultura, México: CNCA-Grijalbo, Colección Los Noventa, 1991.

BRAGA, Osmar Rufino. *Autobiografização e formação de juventudes: uma reflexão sobre a produção da vida na periferia*. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2013.

DIÓGENES, Glória. *Cartografias da cultura e da violência: gangues, galerias e o movimento Hip Hop*. 2ª edição. São Paulo: Annablume, 2008.

ESPINOZA ORTIZ, Fabricio; VIEYRA, Antonio; GARIBAY OROZCO; Claudio. Narrativas sobre el lugar. Habitar una vivienda de interés social en la periferia urbana. *Revista INVI*, Universidad de Chile Santiago, Chile, v.30, n.84, agosto, 2015, pp.59-86.

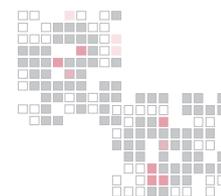
FERRARA, Lucrécia D'Alessio. *Olhar periférico: informação, linguagem, percepção ambiental*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1993.

FIUZA, Tatiana Monteiro. *Estudo das relações entre práticas de violência e acesso em território da estratégia da saúde da família*. 206f. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) – Universidade Federal do Ceará, 2015.

GORCZEVSKI, Deisimer. *Micropolíticas da juventude e visibilidades transversais: (in)tervenções audiovisuais na Restinga*, em Porto Alegre. Tese (Doutorado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2007.

GORCZEVSKI, Deisimer, SOARES, Sabrina Késia de Araújo. Imagens de si e do mundo incidindo e fazendo emergir composições singulares e coletivas. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes, LIMA, Fernanda Deborah Barbosa (Orgs.). *Arte jovem: redesenhando fronteiras da produção artística e cultural*. Rio de Janeiro: Gramma Editora, 2014, v.2.

HIERNAUX, Daniel; LINDÓN, Alicia. La periferia: voz y sentido en



los estudios urbanos. *Papeles de población*, v.10, n.42, oct-dic, 2004, Universidad Autónoma del Estado de México Toluca, México

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. *Estética da periferia: um conceito capcioso*. Sobre Desejos e Cidades, 2012.

LIMA, Antonio Diogo Fontenele de. *Sorrisos de jovens nas periferias da vida: o que revelam e o que ocultam de suas experiências e trajetórias*. 302f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal do Ceará, 2011.

MARTINS, Carlos Henrique dos Santos. *Memória de jovens: diálogos intergeracionais na cultura do Charme*. 261f. – Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal Fluminense (UFF), 2010.

MOTTA, Luiz Gonzaga. *Análise crítica da narrativa*. Brasília: Editora da UnB, v.1. 254p. 2013.

NICHOLS, Bill. *Introdução ao documentário*. Campinas, SP: Papirus, 2005.

PAIS, José Machado. A construção sociológica da juventude: alguns contributos. *Análise social*, v.XXV, p.105-106, 1990. Disponível em: <<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223033657F3sBS8rp1Yj72MI3.pdf>>.

PELLANDA, Nize Maria Campos, GUSTSACK, Felipe. Autonarra-

tivas e Invenção de Si. In: GORCZEWSKI, Deisimer (Org). *Arte que inventa afetos*. Fortaleza: Imprensa Universitária, Estudos da Pós-Graduação, 376 p., 2015.

REGUILLO, Rossana. Las culturas juveniles: un campo de estudio; breve agenda para la discusión. *Revista Brasileira de Educação*. Maio/Jun/Jul/Ago 2003, n. 23. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n23/n23a07>>.

REGUILLO, Rossana. *Emergencia de culturas juveniles*. Estrategias del desencanto. Buenos Aires: Norma, 2000.

ROLNIK, Raquel. *O que é cidade*. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

SIBILIA, Paula. *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. 286 p.

ZANETTI, Daniela. Cenas da periferia: auto-representação como luta por reconhecimento. *Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação*. E-compós, Brasília, v.11, n.2, maio/ago, 2008.

ZANETTI, Daniela. Narrativas das periferias para o discurso do reconhecimento? In: XX Encontro Anual da Compós, 2011, Porto Alegre. *Anais...*, 2011.

Recebimento: 05/04/2017
Aprovação: 21/06/2017

